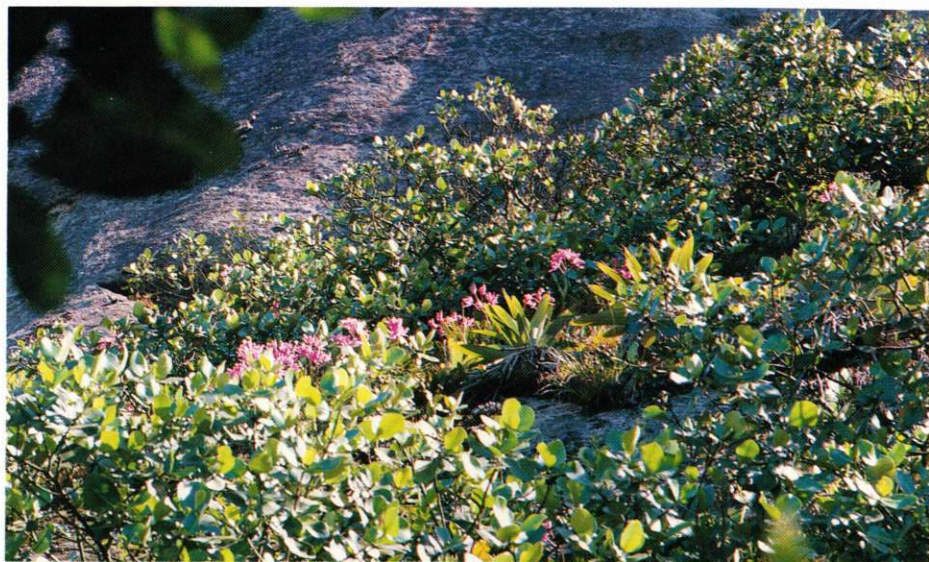


A COMPLEXA QUESTÃO DE PRESERVAR OS HABITATS NATURAIS

Álvaro Pessoa *



Álvaro Pessoa

A *Cattleya warneri* vegeta, como epífita e rupícola, nas matas sombreadas na região montanhosa do Espírito Santo.

Quando nós orquidófilos, passamos hoje pela Marginal Pinheiros, na alta velocidade de nossos carros, que simboliza de maneira tão dramática a pressa sem sentido de nossas vidas, mal podemos imaginar, que, cinquenta anos atrás, ali ficava um dos maiores “habitats”, brasileiros de *Cattleya loddigesii*, conforme nos contam as obras de Hoehne e Dexter. Terá valido a pena destruí-lo para implantar o progresso? Seria possível preservá-lo, ao menos em parte?

A questão que se coloca atualmente, diante da onda ecológica, que configura (em força e obstinação dos por ela responsáveis) uma das mais expressivas alterações do comportamento do humano nesse fim

de século não é apenas de destruir (ou não destruir) o meio ambiente, ou os “habitats” de nossas orquídeas.

Passam entremeadas nesta questão simples, duas outras muito mais complexas. A primeira envolve a religiosidade mística do ser humano em sua forma mais primitiva: a do contato com a natureza, com sua capacidade de emocionar-se ao fazer a terra florir ou frutificar, ou nela criar seu rebanho.

A segunda é, antes, de natureza filosófica ou evangélica: nas condições de competição e agressividade em que atualmente vive o homem urbano, ainda será possível identificar quem é o nosso próximo, para amá-lo como a nós mesmos? Parece impossível, não é mesmo?

Muito mais pelas razões humanas antes referidas do que por razões físicas ou es-

* Rua Uruguai nº 508/102 — Tijuca
Rio, RJ

téticas, torna-se vital e redentora a revolução, *verde*, do fim do século. Ela é o mais expressivo dos movimentos coletivos deste momento social.

Será ainda possível preservar nossas espécies orquídeas em seus "habitats" naturais? A resposta é, como em tudo na vida, depende. Em primeiro lugar, *in medio virtus*. É ilusão pensar que vão acabar as derrubadas, as queimadas e a ação dos madeiros coletores de orquídeas. Não vão! Mas conscientização pode muito e a imprensa tem sido decisiva neste campo. Muito mais decisiva que as normas escritas no Diário Oficial ou a atuação de órgãos públicos.

Tenho viajado, em companhia de inúmeros companheiros, a diversos *habitats*. Nas campinás (clareiras que se abrem em meio a mata amazônica) perto de Manaus, onde ocorre *C. eldorado*; em Serra Negra, Gravatá (perto de Caruaru), Pernambuco, onde, ainda, é inesgotável a quantidade de *C. labiata*; em Curvelo, Minas Gerais, repleta de *C. walkeriana*, nas serras perto de Belo Horizonte (todas virando minério), literalmente cobertas de *Laelias* rupícolas e nas matas de Teresópolis, cheias de *Sophronitis*. Também na plenitude estão as *C.*

intermédia das restingas de Cabo Frio e dos banhados do Taim.

Se, em algum Estado, a situação é preocupante, isso ocorre no Espírito Santo. O território capixaba não tem mais que 4% (quatro por cento) da vegetação nativa que um dia o cobriu! Mas, mesmo esta pequena porcentagem remanescente, continua a ser objeto de agressões e queimadas. Isso também ocorre, em menor grau, com as *C. amethystoglossa* e a *C. elongata* na Bahia.

A pergunta síntese, continua sendo: poderão as futuras gerações de orquidófilos contemplar *habitats* naturais?

Penso que a resposta é afirmativa. Afirmativa porque os movimentos convergentes de conscientização ecológica de um lado, e de outro lado a progressiva produção de mudas de qualidade por meio artificial, vão permitir que se chegue a um ponto de equilíbrio.

Claro que essa resposta embute grande dose de esperança, mas, afinal de contas, como lembrava o poeta italiano Dante Alighieri: "sem esperança, vive-se em desespero".



Alvaro Pessoa

A *Laelia lobata*, tem sua ocorrência restrita à cidade do Rio de Janeiro, com habitats, nas pedras dos Morros da Gávea e costão do Pão de Açúcar.